

## PRÁTICAS COLABORATIVAS ENTRE PROFESSOR REGENTE E PROFESSOR DO AEE

Cleberon Cordeiro de Moura<sup>1</sup>  
Maria Cleonice Santos de Melo Penha<sup>2</sup>  
Marcileia Lucht Rodrigues de Almeida<sup>3</sup>  
Elenice Alves de Oliveira Souza<sup>4</sup>  
Juracy Pereira Leite<sup>5</sup>  
Núbia Rejane da Costa<sup>6</sup>

**RESUMO:** Este estudo investiga práticas colaborativas entre professor regente e professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE), destacando como a articulação entre esses profissionais fortalece a inclusão escolar e a qualidade pedagógica. O objetivo geral consiste em analisar condições para que a colaboração promova adaptações curriculares e acompanhamento individualizado, reduzindo barreiras de aprendizagem em contextos heterogêneos. A metodologia adotada é Pesquisa Bibliográfica, organizada por recorte temático, leitura interpretativa e síntese argumentativa por eixos, conforme André (1995) e Pádua (2004). O desenvolvimento toma como autores centrais Picolini e Flores (2021), Linhares (2025) e Alves e Souza (2025), articulando práticas pedagógicas inclusivas, análise de trabalho colaborativo e formação do professor regente. O texto aborda concepções sobre atuação docente, estratégias de planejamento conjunto e desafios institucionais, conectando colaboração a direitos educacionais e equidade. Sustenta-se que práticas colaborativas exigem formação conjunta, tempo institucional e avaliação compartilhada, garantindo que inclusão se traduza em oportunidades reais de aprendizagem para estudantes com necessidades educacionais especiais.

**Palavras-chave:** Práticas Colaborativas. Professor Regente. Professor do AEE. Inclusão Escolar. Formação Docente.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Educação, World University Ecumenical.

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências da Educação, World University Ecumenical.

<sup>3</sup> Mestranda em Ciências da Educação, Universidad Leonardo da Vinci - ULDV.

<sup>4</sup> Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University - MUST.

<sup>5</sup> Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University - MUST.

<sup>6</sup> Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University - MUST.

**ABSTRACT:** This study investigates collaborative practices between the regular classroom teacher and the Specialized Educational Assistance (AEE) teacher, highlighting how the articulation between these professionals strengthens school inclusion and pedagogical quality. The general objective is to analyze conditions for collaboration to promote curricular adaptations and individualized monitoring, reducing learning barriers in heterogeneous contexts. The methodology adopted is Bibliographic Research, organized through thematic delimitation, interpretive reading, and argumentative synthesis by axes, following André (1995) and Pádua (2004). The development takes Picolini and Flores (2021), Linhares (2025), and Alves and Souza (2025) as central authors, articulating inclusive pedagogical practices, analysis of collaborative work, and regular teacher training. The text addresses conceptions about teaching performance, joint planning strategies, and institutional challenges, connecting collaboration to educational rights and equity. It argues that collaborative practices require joint training, institutional time, and shared evaluation, ensuring that inclusion translates into real learning opportunities for students with special educational needs.

**Keywords:** Collaborative Practices. Regular Teacher. AEE Teacher. School Inclusion. Teacher Training.

## I. INTRODUÇÃO

A colaboração entre professor regente e professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) emerge como estratégia essencial para implementar inclusão escolar de forma efetiva, integrando conhecimentos específicos e práticas pedagógicas diversificadas. Em salas de aula regulares, essa articulação permite adaptar currículos e metodologias às necessidades individuais dos estudantes, evitando que inclusão se limite a presença física sem acompanhamento pedagógico adequado.

O problema de pesquisa formulado neste texto pergunta como práticas colaborativas entre professor regente e professor do AEE podem sustentar inclusão escolar, considerando barreiras institucionais, formação docente e organização do trabalho pedagógico. A questão se torna relevante porque a ausência de colaboração sistemática tende a fragmentar esforços, produzindo desigualdades na oferta de apoio e na continuidade das adaptações curriculares.

A justificativa teórica e social se apoia na compreensão de que inclusão escolar demanda trabalho coletivo, no qual o professor regente e o professor do AEE compartilham responsabilidades por planejamento, avaliação e intervenção. Picolini e Flores (2021) discutem

práticas pedagógicas inclusivas, indicando que a colaboração entre professores de apoio e regentes fortalece a atuação conjunta e reduz isolamento profissional em contextos escolares.

O objetivo geral consiste em analisar práticas colaborativas entre professor regente e professor do AEE, articulando formação conjunta, planejamento compartilhado e avaliação integrada em processos inclusivos. Como objetivos específicos, busca-se discutir concepções sobre atuação docente no AEE, examinar estratégias de interação profissional e analisar desafios institucionais para colaboração efetiva, pois tais dimensões influenciam a qualidade da inclusão e o direito à aprendizagem.

A metodologia adotada é Pesquisa Bibliográfica, com delimitação do objeto, seleção de referências e construção de eixos interpretativos que conectam práticas colaborativas a contextos educacionais inclusivos. André (1995) orienta etnografia da prática escolar, permitindo compreender dinâmicas colaborativas como fenômenos situados e interativos. Pádua (2004) oferece abordagem teórico-prática para metodologia da pesquisa, sustentando síntese argumentativa que integra teoria e prática pedagógica.

O texto se organiza nos tópicos 2 Concepções sobre atuação docente no AEE; 2.1 Estratégias de planejamento conjunto; 2.2 Desafios institucionais para colaboração; 2.3 Avaliação integrada e acompanhamento pedagógico. A progressão argumentativa visa articular teoria e prática, destacando como colaboração profissional contribui para equidade educacional e qualidade do ensino inclusivo.

3

## 2. CONCEPÇÕES SOBRE ATUAÇÃO DOCENTE NO AEE

A atuação docente no Atendimento Educacional Especializado (AEE) envolve concepções sobre inclusão que transcendem adaptações pontuais, incorporando visão sistêmica de aprendizagem e desenvolvimento. Em práticas colaborativas, o professor do AEE e o regente precisam alinhar entendimentos sobre necessidades educacionais especiais, evitando que diferenças conceituais produzam fragmentação no trabalho pedagógico.

Picolini e Flores (2021) analisam práticas pedagógicas inclusivas, destacando que o professor de apoio colabora com o regente para integrar conhecimentos específicos ao currículo regular, garantindo continuidade e coerência nas intervenções educacionais. Essa colaboração fortalece a atuação conjunta, reduzindo isolamento profissional e promovendo visão compartilhada sobre inclusão escolar.

A concepção sobre atuação no AEE inclui reconhecimento de que o professor especializado não substitui o regente, mas complementa o trabalho pedagógico com estratégias

diferenciadas. Linhares (2025) discute práticas colaborativas entre professores da sala regular e do AEE, enfatizando que a interação profissional sustenta educação inclusiva ao articular saberes e experiências em benefício dos estudantes.

Considera-se que concepções divergentes sobre atuação docente podem gerar conflitos institucionais, especialmente quando o professor do AEE é visto como responsável exclusivo por estudantes com necessidades especiais. Alves e Souza (2025) refletem sobre formação do professor regente para alfabetização de estudantes da educação especial, indicando necessidade de reflexão conjunta sobre práticas pedagógicas inclusivas.

A atuação no AEE demanda formação específica, mas também integração com o trabalho do regente para evitar duplicação de esforços e garantir eficiência pedagógica. Anastácio e Silva (2025) analisam trabalho colaborativo entre professor regente e profissional de apoio, mostrando que concepções alinhadas sobre inclusão promovem atuação coordenada e resultados educacionais mais consistentes.

Prado (2025) examina práticas pedagógicas do professor de AEE em estudo de caso, revelando que concepções sobre atuação envolvem adaptações curriculares e acompanhamento individualizado, essenciais para inclusão efetiva. Essa análise reforça que colaboração profissional depende de entendimento comum sobre direitos educacionais e equidade.

## 2.1 Estratégias de Planejamento Conjunto

Estratégias de planejamento conjunto entre professor regente e professor do AEE envolvem definição de objetivos compartilhados, seleção de metodologias adaptadas e distribuição de responsabilidades pedagógicas. Em contextos inclusivos, esse planejamento permite antecipar dificuldades e organizar intervenções que atendam à diversidade de necessidades educacionais.

Santos e Cunha (2024) discutem saberes de experiência na intersecção entre professor regente e educador do AEE, destacando que planejamento conjunto integra conhecimentos práticos e teóricos para construir estratégias pedagógicas eficazes. Essa integração fortalece a atuação colaborativa, garantindo que adaptações curriculares sejam coerentes e sustentáveis ao longo do tempo escolar.

O planejamento conjunto exige tempo institucional dedicado, pois envolve discussão de diagnósticos, definição de metas e avaliação de progressos dos estudantes. Pichin (2023) aborda formação do professor universitário, mas princípios aplicáveis indicam que planejamento colaborativo demanda reflexão conjunta sobre práticas e resultados educacionais.

Considera-se que estratégias de planejamento conjunto promovem autonomia profissional, pois professores compartilham decisões e responsabilidades, reduzindo sobrecarga individual. Dória (2021) discute cirurgião e professor de desenho, oferecendo analogia sobre colaboração em processos criativos, ainda que em campo diverso, sugerindo que planejamento conjunto valoriza expertise de cada profissional.

A interação entre regente e professor do AEE no planejamento inclui definição de materiais acessíveis e sequências didáticas flexíveis. Silva (2024) analisa concepções e práticas do professor formador, indicando que planejamento colaborativo desenvolve competências reflexivas e pedagógicas em contextos inclusivos.

Viesba (2021) reflete sobre papéis do professor, enfatizando que planejamento conjunto fortalece identidade docente e qualidade do trabalho pedagógico. Essa reflexão sustenta que estratégias colaborativas promovem continuidade curricular e adaptações personalizadas para estudantes com necessidades especiais.

Santiago (2024) destaca importância do professor pesquisador, sugerindo que planejamento conjunto envolve investigação de práticas e avaliação de impactos educacionais. Essa abordagem reforça que colaboração profissional integra pesquisa e ação pedagógica, melhorando resultados inclusivos.

Embaló (2023) discute concepções sobre papel de professor e aluno, indicando que planejamento conjunto redefine relações pedagógicas em contextos colaborativos. Essa visão amplia possibilidades de aprendizagem, conectando planejamento a direitos educacionais e equidade.

## 2.2 Desafios Institucionais para Colaboração

Desafios institucionais para colaboração entre professor regente e professor do AEE incluem falta de tempo dedicado, diferenças de carga horária e ausência de coordenação pedagógica. Em redes públicas, esses obstáculos impedem que práticas colaborativas se tornem rotina, limitando eficácia da inclusão escolar.

Câmara (2022) analisa atuação do professor diante de inclusão escolar com vistas no AEE, destacando que desafios institucionais envolvem organização do trabalho e formação conjunta. Essa análise mostra que colaboração depende de condições estruturais que permitam interação profissional e compartilhamento de responsabilidades pedagógicas.

A falta de coordenação pedagógica agrava desafios, pois professores trabalham isoladamente sem alinhamento de objetivos e estratégias. Santos et al. (2024) discutem

estratégias de ensino para estudantes com deficiência visual, indicando que colaboração institucional reduz barreiras e promove adaptações curriculares integradas.

Considera-se que desafios institucionais incluem diferenças salariais e de formação entre regente e professor do AEE, gerando desigualdades no reconhecimento profissional. Santos et al. (2024) abordam inclusão escolar e uso de tecnologias assistivas, sugerindo que colaboração supera obstáculos ao integrar saberes e recursos em benefício dos estudantes.

A gestão escolar precisa criar espaços para colaboração, como reuniões conjuntas e formação compartilhada, para enfrentar desafios institucionais. Piol et al. (2025) discutem interação entre professor regente e professor do AEE na construção de planejamento inclusivo, enfatizando que coordenação pedagógica fortalece atuação conjunta e qualidade educacional.

Desafios incluem também resistência cultural a mudanças, pois colaboração exige revisão de práticas tradicionais e abertura a novas dinâmicas. Anastácio e Silva (2025) analisam relação entre professor regente e profissional de apoio, mostrando que desafios institucionais demandam liderança pedagógica comprometida com inclusão.

### 2.3 Avaliação Integrada e Acompanhamento Pedagógico

A avaliação integrada entre o professor regente e o profissional do AEE exige o uso de instrumentos diversos e uma análise compartilhada sobre os progressos dos estudantes. Esse processo garante que a inclusão se converta em aprendizagem significativa e real. Em práticas colaborativas, essa forma de avaliar permite identificar necessidades específicas e ajustar as intervenções pedagógicas de maneira contínua e dinâmica. Assim, a escola organiza o tempo e os recursos para que o suporte ao aluno ocorra dentro do fluxo curricular comum.

Picolini e Flores (2021) discutem práticas pedagógicas inclusivas, destacando que a avaliação integrada fortalece a colaboração ao conectar diagnósticos e intervenções entre o regente e o professor do AEE. Essa abordagem sustenta um acompanhamento pedagógico que valoriza a diversidade de ritmos e as necessidades educacionais individuais. Ao unificar os olhares, os profissionais superam a fragmentação do ensino, permitindo que o estudante com deficiência encontre condições reais de participação e desenvolvimento nas atividades propostas pela escola regular, com mediação adequada.

O acompanhamento pedagógico conjunto exige comunicação frequente e registros compartilhados sobre o desenvolvimento dos estudantes em todas as etapas escolares. Linhares (2025) analisa práticas colaborativas no contexto brasileiro, indicando que a avaliação integrada reduz as desigualdades e promove a equidade educacional de forma prática. Quando a gestão

escolar incentiva esses fluxos de informação, o apoio deixa de ser um evento isolado e passa a ser uma estratégia estruturante que protege o percurso acadêmico de todos, reduzindo drasticamente o risco de exclusão.

Considera-se que a avaliação integrada deve incluir a participação ativa dos estudantes na reflexão sobre seu próprio percurso, fortalecendo a autonomia e a responsabilidade. Alves e Souza (2025) refletem sobre a formação do professor regente, sugerindo que o acompanhamento pedagógico colaborativo desenvolve competências inclusivas essenciais. Essa dinâmica transforma a sala de aula em um espaço de escuta, onde o feedback constante orienta o aluno a compreender suas conquistas e a planejar seus próprios passos de aprendizagem, com segurança e suporte.

A avaliação integrada demanda formação conjunta, pois os professores precisam alinhar critérios e interpretar as evidências de aprendizagem de modo unificado. Prado (2025) examina as práticas do professor de AEE, mostrando que o acompanhamento pedagógico conjunto garante a continuidade e a eficácia das intervenções educacionais. Sem esse alinhamento, os suportes oferecidos podem se tornar contraditórios ou desconexos, prejudicando o engajamento do estudante. Portanto, a colaboração profissional é o alicerce fundamental que sustenta a qualidade técnica e ética da educação especial brasileira.

Santos e Cunha (2024) discutem saberes de experiência, enfatizando que a avaliação integrada valoriza a expertise de cada profissional na análise dos progressos acadêmicos. Essa visão ampla possibilita uma inclusão mais efetiva, conectando a prática avaliativa aos direitos educacionais e aos princípios da justiça social. Ao reconhecer o saber técnico do AEE e o saber curricular do regente, a escola constrói diagnósticos mais precisos, evitando julgamentos superficiais sobre a capacidade intelectual e o potencial real dos estudantes assistidos em seus territórios específicos.

Pichin (2023) aborda a formação docente, indicando que a avaliação integrada exige uma reflexão conjunta sobre as práticas cotidianas e seus impactos pedagógicos reais. Essa abordagem reforça que a colaboração profissional deve integrar avaliação e acompanhamento, melhorando sensivelmente a qualidade da educação inclusiva oferecida. Quando os docentes analisam coletivamente os resultados, conseguem identificar barreiras institucionais que impedem o avanço dos alunos. Assim, a avaliação deixa de ser punitiva e assume um caráter formativo, totalmente orientado pela ética do cuidado e do suporte.

Dória (2021) oferece uma analogia interessante sobre a colaboração em processos criativos, sugerindo que a avaliação integrada promove a criatividade pedagógica necessária.

Essa perspectiva sustenta que o acompanhamento conjunto desenvolve estratégias adaptadas às necessidades individuais, permitindo que o professor crie novos caminhos didáticos. Em vez de repetir fórmulas prontas, a dupla de professores inventa soluções que respondem aos desafios específicos de cada turma. Essa flexibilidade é o que permite que a inclusão digital e física se torne uma realidade pedagógica concreta.

Silva (2024) analisa a figura do professor formador, mostrando que a avaliação integrada fortalece práticas reflexivas e colaborativas no ambiente escolar. Essa análise indica que o acompanhamento pedagógico conjunto garante que a inclusão se materialize em oportunidades reais de aprendizagem para todos os estudantes. Quando a avaliação é compartilhada, os critérios tornam-se públicos e as expectativas pedagógicas são elevadas, combatendo o capacitismo que muitas vezes limita o acesso ao currículo comum. O foco institucional desloca-se do déficit para a potencialidade do sujeito.

Viesba (2021) reflete sobre os papéis do professor, enfatizando que a avaliação integrada redefine as responsabilidades pedagógicas dentro da instituição. Essa reflexão sustenta que a colaboração profissional une avaliação e acompanhamento, promovendo equidade e qualidade educacional duradoura. Ao dividir a responsabilidade pelo sucesso do aluno, o professor regente e o especialista do AEE criam uma rede de proteção que evita o isolamento docente. Esse modelo institucional garante que nenhum estudante seja esquecido ou marginalizado durante as complexas transições de cada ciclo escolar.

Santiago (2024) destaca a importância do professor pesquisador, sugerindo que a avaliação integrada envolve uma investigação constante sobre as próprias práticas pedagógicas. Essa abordagem reforça que o acompanhamento conjunto conecta teoria e prática, aprimorando significativamente a inclusão escolar. Ao tratar a sala de aula como um laboratório social, os professores podem testar novos recursos digitais e métodos de ensino, documentando rigorosamente o que funciona para cada perfil. Essa postura investigativa qualifica o ensino e fortalece a autonomia docente diante dos novos desafios tecnológicos.

Embaló (2023) discute as concepções sobre professor e aluno, indicando que a avaliação integrada redefine as relações pedagógicas tradicionais no cotidiano. Essa visão amplia as possibilidades de aprendizagem ao articular a avaliação aos direitos fundamentais e à busca pela equidade. Quando a relação entre docente e estudante é mediada por uma avaliação justa, o aluno sente-se encorajado a participar ativamente do processo educativo. A inclusão, portanto, deixa de ser apenas uma norma burocrática fria para se tornar uma experiência humana de acolhimento.

Câmara (2022) analisa a atuação docente na inclusão, destacando que a avaliação integrada é capaz de superar diversos desafios institucionais e burocráticos. Essa análise demonstra que o acompanhamento pedagógico conjunto garante a continuidade e a eficácia das intervenções realizadas ao longo do tempo. Para que a inclusão seja sustentável, a escola precisa institucionalizar esses momentos de troca, transformando a colaboração em uma regra de gestão. Assim, o sistema educacional torna-se resiliente e plenamente capaz de acolher a todos os estudantes com absoluta dignidade.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto retomou o objetivo geral de analisar práticas colaborativas entre professor regente e professor do AEE, articulando concepções sobre atuação docente, estratégias de planejamento conjunto e desafios institucionais como dimensões interdependentes. Foram discutidas condições para avaliação integrada e acompanhamento pedagógico, indicando que colaboração profissional sustenta inclusão escolar ao conectar formação, planejamento e intervenção.

Os objetivos específicos foram retomados ao examinar atuação no AEE, planejamento conjunto e desafios institucionais, mostrando que avaliação integrada reduz barreiras e promove equidade. A análise indicou que colaboração exige coordenação pedagógica, tempo institucional e formação compartilhada, garantindo que práticas inclusivas se traduzam em aprendizagem significativa para todos os estudantes.

9

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, V. C., & Souza, S. A. (2025). *Alfabetização de estudantes da educação especial e a formação do professor regente: uma reflexão necessária*. GEFIL: Entre discursos e registros linguísticos. <https://doi.org/10.29327/5505810.1-8>
- Anastácio, T. R., & Silva, W. J. D. B. D. (2025). *Análise do trabalho colaborativo: relação entre professor regente e profissional de apoio na educação inclusiva*. Anais do 11º Congresso Brasileiro de Educação Especial. <https://doi.org/10.29327/9786527219644.1265078>
- André, M. E. D. A. (1995). *Etnografia da prática escolar*. Papyrus.
- Câmara, Y. (2022). *Atuação do professor diante do processo de inclusão escolar com vistas no AEE*. Open Science Research III, 1487–1497. <https://doi.org/10.37885/220308253>
- Dória, R. P. (2021). Cirurgião e professor de desenho. In *Entre o belo e o útil: manuais e práticas do ensino do desenho no Brasil* (pp. 99–116). Editora da Unicamp. <https://doi.org/10.7476/9788526815322.0009>

Embaló, M. M. (2023). Concepções do papel de professor e do aluno no processo de ensino e aprendizagem. In *Movimentos docentes construindo pontes entre saberes, práticas e continentes* (pp. 24). V&V Editora. <https://doi.org/10.47247/mr/6063.023.9.24>

Linhares, R. (2025). *Coensino e educação inclusiva: análise de práticas colaborativas entre professores da sala regular e do AEE no contexto brasileiro*. International Integralize Scientific, 5(54). <https://doi.org/10.63391/1116bq24>

Pádua, E. M. M. de. (2004). *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. Papirus.

Pichin, C. (2023). A formação do professor universitário: caminhos e perspectivas. In *Movimentos docentes construindo pontes entre saberes, práticas e continentes* (pp. 10). V&V Editora. <https://doi.org/10.47247/mr/6063.023.9.10>

Picolini, B. R. A., & Flores, M. M. L. (2021). Professor de apoio, professor regente e práticas pedagógicas inclusivas. *Póiesis Pedagógica*, 19. <https://doi.org/10.69532/2178-4442.v19.63715>

Piol, A. S., Matos, L. M. de O., Andreatta, C., Silva, Í. A. F. de S. M. da, & Souza, I. H. de. (2025). A interação entre professor regente e professor do Atendimento Educacional Especializado na construção do planejamento inclusivo. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, 18(12). <https://doi.org/10.55905/revconv.18n.12-098>

Prado, R. R. de S. (2025). *Práticas pedagógicas do professor de atendimento educacional especializado (AEE): um estudo de caso no Colégio Estadual Ana Algemira do Prado*. *Avanços & Olhares - Revista Acadêmica Multitemática do IESA*(10). <https://doi.org/10.56797/ao.v110.177>

Santiago, L. A. (2024). A importância do professor pesquisador na contemporaneidade. In *Entre a educação e o ensino fundamentos e práticas* (pp. 32-46). Arco Editores. <https://doi.org/10.48209/978-65-5417-340-2>

Santos, E. B. dos, & Cunha, M. M. (2024). Os saberes de experiência: intersecções entre o professor e a práxis do educador do AEE. *Revista ft*, 29(141), 14-15. <https://doi.org/10.69849/revistaft/fa10202412100114>

Santos, S. M. A. V., Espadoni, D. F., Carvalho, J. dos S. de, Viana, S. C., Santos, U. C., & Nascimento, W. B. (2024). A inclusão escolar e o uso de tecnologias assistivas. In S. M. A. V. Santos & A. da S. Franqueira (Orgs.), *Educação em foco: inclusão, tecnologias e formação docente* (pp. 464-491). Arché. <https://doi.org/10.51891/rease.978-65-6054-112-2-19>

Santos, S. M. A. V., Franqueira, A. da S., Santos, U. C. (2024). Estratégias de ensino para estudantes com deficiência visual em salas de aula regulares. In S. M. A. V. Santos, A. da S. Franqueira, & U. C. Santos (Orgs.), *Inclusão e acessibilidade para pessoas com deficiência visual* (pp. 91-112). Arché. <https://doi.org/10.51891/rease.978-65-6054-089-7.4>

Silva, G. S. da. (2024). *As concepções e práticas do professor formador no desenvolvimento do professor pesquisador - para uma prática pedagógica e reflexiva*. *Pesquisas e Práticas em Educação*, 52-73. <https://doi.org/10.56579/editoraceeinterppecp4>

Viesba, E. (2021). Prefácio: Inserir - um entre os vários papéis do professor. In *Papo de professores: relatos e práticas para inspirar* (pp. 1). V&V Editora. <https://doi.org/10.47247/vv/qs/88471.28.9.1>